



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua do Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA

da FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Fria e enevoada, como tantas vezes sucede cada ano durante a quadra invernos, raiou a manhã do dia treze de Março.

O veículo que nos transporta com a velocidade média de trinta quilómetros á hora, através dos morros e alcantis da serra d' Ayre, chega ao planalto de Fátima ás oito horas precisas. Nesse momento vão chegando tambem ao local das aparições, os briosos servitas, que se dispõem a exercer na Lourdes portuguesa a sua nobilissima missão de caridade.

Sómente algumas escasas dezenas de pessoas se encontram áquella hora matinal no recinto sagrado e quasi todas assistem devotamente á primeira missa que se celebra no altar-mór da capela nova. Pouco a pouco vão chegando outros veículos que despejam na estrada districtal centenas e centenas de peregrinos, que se dirigem sem demora para junto dos santuários.

O posto de verificações medicas está aberto e numerosos doentes ali entram para serem inscritos no respectivo registo e receberem a senha de ingresso no pavilhão que lhes é destinado.

Como este mês o dia treze coincidiu com um Domingo, o que já tinha acontecido tambem no mês anterior, raros foram os sacerdotes que acorreram neste dia a Fátima. A obrigação de celebrar o santo sacrificio da missa nas igrejas parquiais e nas capelas publicas prende quasi todo o clero nos dias de preceito, sobretudo nesta região do sul do paiz em que êle tanto escasseia, inibindo-o de tomar parte na piedosa romagem. Os sacerdotes presentes empregam o seu tempo em ouvir as confissões de homens e rapazes, de todas as classes e condições sociais, que em grande numero se aproximam do tribunal da penitência. Entretanto o capelão-director dos servitas vai ministrando o Pão dos Anjos a inumeros fiéis de ambos os sexos previamente purificados com a absolvição sacramental.

Algumas dezenas de enfermos ocu-

pam os seus logares no respectivo pavilhão. Aproxima-se a hora das Aparições, o meio-dia solar. A multidão engrossara consideravelmente pouco a pouco e nesse momento já alguns milhares de fiéis se aglomeravam como um mar tranquilo em torno do pavilhão, no intento de cumprir o preceito da audição da missa. O silencio é profundo e a oração fervorosa e constante. De espaço a espaço o sol — um pálido e frouxo sol de inverno — rompe as nuvens que toldam o firmamento e envolve na poalha dourada dos seus raios aquêles milhares de cabeças descobertas e inclina-



Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Manuel, Arcebispo de Evora, natural do concelho de Torres Novas, visitou o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

das em atitude de prece. Junto da capela das aparições organisa-se o cortejo do costume para conduzir a branca estátua da Virgem á capela nova. As servas de Nossa Senhora do Rosário, que envergam as suas batas alvas de neve, conduzem aos hom-bros, alternando-se, a veneranda imagem da sua gloriosa Padroeira, que o é tambem de Portugal. A' sua passagem por entre alas compactas de

povo, que ajoelha reverente e devoto, piedosas mãos femininas envolvem numa chuva incessante de petal-as.

Quando essa encantadora visão do Paraíso assoma ao limiar do recinto reservado aos doentes, uma menina de dezasseis anos, que jazia prostrada numa maca, soergue-se do seu grabato, dirige á Virgem uma supplica muda mas veemente e os olhos ar-rasam-se-lhe de lágrimas de comoção.

A um sinal do capelão-director dos servitas canta-se em côro o símbolo dos Apostolos e depois inicia-se a recitação do terço, ao mesmo tempo que um sacerdote sobe ao altar central para celebrar a missa dos doentes. Este piedoso acto, sempre o mais concorrido de todos, realisa-se no meio dum recolhimento e dum fer-

vor, que edifica e encanta. Ao *com-munio* ainda muitos fiéis recebem com uma piedade tocante o Pão dos Anjos.

Após a Missa dá-se a benção a cada um dos enfermos e a todo o povo e em seguida sobe ao pulpito o rev.do P.e Magalhães, director espiri-tual do Seminário de Leiria, que faz um sermão substancioso e práti-co.

Por ultimo organisa-se novamente o cortejo que reconduz, entre can-ticos e aclamações, a imagem de Maria Santíssima ao seu pedestal de gloria no padrão comemorativo das aparições, aonde centenas de milhar de filhos seus não cessam de vir tri-butár-lhe ha cerca de dez anos sentidas homenagens de veneração, reco-nhecimento e amor.

Visconde de Montello

A voz da natureza

Era já noite. Iluminado por um luar claro que, a olhos menos cansados, até permitia ler, o velho professor tomava um lindo aspecto patriarcal.

De chapu nas mãos, cruzadas atraz, cabeleira ainda farta mas completamente branca, o seu perfil encantava.

Acabara de ceiar e ia sair um pouco, a por-se em contacto com a natureza, que se acostumara a admirar e a amar desde creança.

E como ele a compreendia!

Manuel Vicente, o velho professor, era um daquêles velhos caracteres que tinha a nostalgia dos campos e dos pinhais e que sentia o mesmo desamor para com a cidade e para com a Internacional do Ensino.

Toda a gente na aldeia o respeitava e amava, desde o pároco ao barbeiro e do mais abastado proprietario ao ultimo dos cavadores.

Os grilos, as rãs, sapos, as cobras, as relas e todo aquele exercito de animaisinhos que no silencio da noite cantam os louvores do Senhor, estavam já em pleno e harmonioso concerto.

Só quem experimentou alguma vez a doce melancolia desse variado e magesto cantar dum noite de aldeia pode imaginar a suave poesia dêsses momentos.

Inebriado por tanta e tão singela be-leza o professor sentou-se num valado.

Quem-se passos. Alguém ao seu encon-tro...

De repente um vulto negro cabisbai-xo aparece a distancia.

«Quem será?... A estas horas e destes sitios!... Não é costume.

Ah! E' o Carlitos».

Carlitos era um rapaz de 18 anos, creado com demasiada liberdade, ex-alu-no de 3 liceus e agora no 1.º ano de Uni-versidade. Cábula, vivo, papador de ceias e frequentador de tabernas, cedo envere-dara por um caminho para onde nunca de-vera olhar.

Primeiro a virtude, a alegria e ago-rra mais alguma coisa o abandonava ou era, antes, abandonada por êle.

Embuçado na sua capa de estudante, cabisbaixo, passaria em branco, sem dar pelo professor, se este á queima roupa o não saudasse amigavelmente:

— Adeus oh Carlitos! Já não diz adeus á gente...

Agora na Universidade já se não fala a um velho e tropego como eu...

— Oh! snr. professor!

Não o fazia aqui.

— E' meu velho costume este passeio sobre a ceia.

— Eu sei mas não me lembrava...

— Altas cogitações o traziam absorto. Desculpe interrompe-lo. Mas olhe que já Esopo dizia que se não pode trabalhar sempre — que é preciso afrouxar o arco. Então donde é a vinda?

— Nem sei donde...

Tal é a abstracção, hein?! Ora sente-se.

— Vamos lá. (E sentou-se junto do professor).

E' verdade snr. professor. Mas diga-me que é que nota em mim de extraordinário? Sou o mesmo rapaz de sempre. Toda a gente me chama o Carlitos...

— Anda-me concentrado demais. Isso pode-lhe fazer mal.

— Ando realmente...

— Então que é? Altas matematicas talvez...

— Não snr. professor... outra coisa mais importante...

— Alguma descoberta?...

— Nem mais!... Mas permita-me que lh'a não revele. A sua alma é demasiado sensível para estas conclusões brutais da Sciência.

— Então?!

— Não pergunte mais... E' doutro tempo não me compreenderia... Desculpe.

— Assim se passa um atestado de tó-lo ao seu professor...

— Nada disso...

— Pois então ponha tudo em pratos limpos... Para mim não deve haver se-gredos.

— Tem razão... mas... bem me custa.

— Eu sou capaz de guardar segredo.

— Então guarde. Peço-lhe por favor.

— Descance Carlitos.

Passaram momentos a olharem-se e a penetrarem-se mutuamente.

A lua ia subindo, linda, meiga como sempre... Tudo era poesia... A alma sentia-se levada, ao olhar para o firmamen-

to, a exclamar com o Salmista. «Os céus cantam a gloria de Deus!»

De repente, Carlos baixa a cabeça e diz a tremer.

—Acabo de perder a fé! Não creio em Deus».

Aquela frase foi cravar-se como um punhal no peito do professor...

—Quê?...

—É verdade.

—Fala a sério?...

—A sério!

—Vamos devagar. Raciocinemos um pouco. Não quero discutir. Mas, se dá licença que o seu velho professor lhe faça duas considerações...

—Com todo o gosto... mas é inútil!

—Inútil, veremos. A sua capa não se desonra em conversar com um velho.

—Por quem é...

—Pois então vamos lá. Diga-me, Carlinhos, que ideia faria de mim se eu lhe mostrasse o meu relógio dizendo-lhe que aparecera feito numa mina de ferro.

—Concluía que alguém o lá fôra pôr.

—Pois está muito enganado. O meu relógio, um relógio de aço como vê foi encontrado assim, completo, dentro dum pouco de minério. Disseram que se tinha formado ali durante muitos séculos e que pouco a pouco, átomo a átomo se haviam formado os ponteiros, as rodas toda esta engrenagem...

—O sr. Professor está a troçar.

—Não estou.

—A sério?

—A sério!

—Quem lhe contou isso?

—Foram os mineiros...

—E acreditou?...

—Acreditei!

—Essa é boa. Que autoridade tem essa gente que nunca viu fabricar um relógio?...

—Lá isso é verdade. Mas não tem nada...

—Tem tudo. Bem sabe, e vê como isso é complicado: o tamanho e proporção das rodas, o numero de dentes, o comprimento da corda, a roda de balanço, os movimentos etc. E isso feito pela natureza!—Tem lá geito nenhum!...

Sorridente e amável o professor que estava a vencer sem que o adversário que o supunha vencido o percebesse, diz-lhe: Isto era a brincar Carlinhos. Era para o ouvir raciocinar e creia que ficou satisfeito em ouvir falar assim a um rapaz que me passou já pelas mãos. Não que eu tenha nisso algum merecimento mas, que quer?—São fraquezas dos velhos que como sabe nos tornamos muito afectuosos e sensíveis.

Agora, deixando a brincadeira, porque é que foi levado a essa conclusão, á negação da existencia de Deus?

—Ora por muitas causas...

—Diga algumas.

—Os filosofos modernos chegaram á conclusão de que se Deus se não via e se o mundo é na verdade um aglomeramento de átomos devemos concluir que Deus não existe.

—Oh! bravo! Já estava á espera disso. E é muito recente essa doutrina?

—É a ultima palavra sr. professor.

—Está enganado, isso é anterior ao proprio Jesus Cristo.

—Está a mangar...

—Não estou e apontou-lhe os nomes de alguns antigos ateus.

—Realmente. Não conhecia esses nomes.

—Mas, diga-me, convenceu-se de que isso era verdade?

—Convenci.

...

Carlos alhe bem para mim (e o rosto do professor, pálido, iluminado pelo luar, com os olhos resplandecentes tinha um aspecto singular).

Você que conhece as leis admiráveis que regulam o Universo, aquelas ao menos que nos fazem mais impressão, você que conhece a lei admirável da atracção, da conservação da matéria, a lei da sucessão das estações, dos movimentos tão complexos dos astros que esmaltam o céu de Portugal—Olhe como está linda a noite!—Você que conhece melhor do que eu a admirável estrutura do corpo humano, que tem observado os misteriosos fenómenos, da transmissão da vida no reino animal e no vegetal diga-me—como é que explica tudo isso?

—São as leis da combinação dos átomos.

—E quem fez essas leis? Os átomos?

—Não senhor, o acaso.

—O acaso?...

—Sim.

—Você está a brincar.

—Não estou.

—Então que relógio mais complicado, mais inteligentemente disposto do que este grande relógio que é o Universo?...

Examine-se, prescrite bem o seu corpo e só pelo exame e análise dêle você verá a loucura da sua conclusão.

Um relógio que marca as horas mas não muda de lugar, não fala nem pensa é absurdo, incrível que tenha aparecido aí por acaso no meio dum pouco de minério, dizia você ha pouco e ria-se de eu acreditar nisso.

Pois se o não julgasse sincero dar-lhe hia em resposta á sua duvida uma gargalhada.

Mas não quero. Você é sincero. Eu sou seu amigo. Acredita?

—Se acredito...

—Pois é como amigo que lhe estou a falar.

E' a força da razão e a da amizade que dão alguma energia a este velho organismo. Seja sincero mas seja razoável.

—Serei!

—Faça calar por um pouco qualquer outra voz. Deante da razão as paixões calam-se.

—Está bem.

—Então, diga-me, ha ou não no mundo, como no meu relógio uma certa ordem?...

—Ha uma ordem admirável como ha pouco me fez notar.

—Bem. Se para a ordem do relógio você exige um ordenador porque o nega para o mundo?

—Ah! eu não o nego. Nego que seja Deus.

—Lá vamos. Há ou não no mundo o movimento, a vida?...

—Se ha... E' o que mais facilmente se nota no mundo.

—Se pois é necessário que alguém tenha dado corda ao relógio para êle trabalhar forçoso é igualmente que alguém tenha introduzido no mundo o movimento e a vida, para que ela cá exista.

—Espere... Deixe-me pensar um pouco!... O movimento... a vida... Continue!

—Se você entende, e bem, que alguém deve ter feito este relógio, eu concluo que alguém me ha-de ter feito a mim... a você... ao mundo inteiro.

—Não lhe parece?...

—Estou de acordo.

—Então...

—Não. Porque não ha-de ser o acaso a coisa exigida por tudo isso?...

—Mas o que é o acaso?

—E' uma coisa inexplicável...

—...que serve para tapar os olhos a muita gente

E' ou não verdade que ninguém dá o que não tem?

—Certíssima.

—Pois então meu caro você ha de concordar comigo, ha-de convencer-se de que acima e fóra de tudo isto que se vê ha um ser bom que é a fonte de toda a bondade—ha uma causa donde provem toda a causalidade do mundo,—ha um motor ou movente, primeira razão de todo o movimento—ha-de haver um ser vivo origem de toda a vida.

E' ou não verdade?

—Sim, isso não me repugna. A razão obriga-me a admitir êsse ser.

—E admitirá você que em serie interminada vamos prolongando êsses seres extra mundanos!

—Não. Forçosamente temos de chegar a um termo.

—Pois bem. Para aí em frente desse termo.

Contemple-o. E' êsse ser que eu quero que você analise.

Ha então um ser que causa sem ser causado, um movente que move sem ser movido—um ordenador supremo do universo—um ser vivo que dá a vida sem a receber?...

—Sim. Aceito isso. Tem de se admitir.

—Mas você sabe que ninguém dá o que não tem.

—Sei.

—Porisso essa Causa Incausada—êsse Motor imóvel—êsse Ordenador Supremo tem em si e de si todas essas perfeições que derrama sobre o mundo. Não?...

—Vamos. Começa a fazer-se um pouco de luz na minha alma... Vamos até ao fim...

—Um momento apenas. Qual a razão por que essas perfeições hão-de ser limitadas? Porque não hão-de elas atingir na Infinitude, a perfeição suma da existencia?

... ..

—Sim. Esse Ser é Infinitamente Perfeito.

—Portanto, Eterno, Omnisciente, Omnipotente, sumamente Justo, Bom e Santo!

—Sim, concordo.

Mas, quem é êsse Ser?...

—E' Deus!

—Ah! Então eu creio na existencia de Deus.

Iluminado, ainda pelo doce brilho do luar no meio do silêncio da noite deixaram, num longo abraço, cair algumas lágrimas de consolação e, em silêncio, voltaram á aldeia. A' poesia da natureza juntava-se a sua voz forte, sonora como a do seu cantar... fazendo-se ouvir ainda ao velho e agora, com ignorado encanto na alma do jovem.

A um e outro parecia ouvirem um coro imenso apregoando a existencia, a glória e a bondade de Deus.

... ..

Era a voz da natureza...

J. de A.

AS CURAS DA FATIMA



Maria da Conceição Messias, residente na rua Direita de Pedrouços, n.º 17, conta assim a sua doença e a sua cura:

«A impressão que sinto vou participá-la nesta minha carta e ao mesmo tempo cumprio um dever. Há muitos anos que sofria de *tingha escrofulosa* na cabeça. Corri todos os médicos e farmaceuticos da minha terra que é Algarve. Os medicos já não sabiam o que me haviam de fazer. Tantas coisas fizeram que eu já não podia sofrer mais. Nem sei dizer a grandeza do sofrimento que há 16 anos padecia. Desde a idade de 2 anos até á idade de 16 nunca soube o que foi dormir em socego. Nunca soube o que foi cabelo, andava sempre triste.

A minha mãe, aonde ouvia dizer que

nhá irmã já dizia que quando eu entrava nos consultórios só a chorar, os médicos já não me diziam nada. Tinham muita pena de mim e diziam á minha irmã que não gastasse mais dinheiro porque não tinha cura. Fez-me ainda umas applicações do raio X mas não deram resultado. Fui a outro, Doutor Simões Alves, que me disse que era *tingha escrofulosa*, como tinham dito os outros medicos e que não tinha cura. Minha irmã já não sabia o que me devia fazer. No fim de quatro dias deu-me um grande frio que parecia o da morte e doia-me muito a cabeça. O corpo estava já como uma coisa morta e a minha irmã chegou á janela muito aflita. Apareceu-me uma pobrezinha muito doentinha que era nossa conhecida e tinha muita pena de mim. Esta mulherzinha lembrou-se de uma menina que tinha obtido curas com agua de Nossa Senhora da Fátima e que se chama Julia Marques Morgado. Fez-me o mesmo tratamento e estou completamente curada, graças a Nossa Senhora da Fátima. Não tinha cabelo nenhum na cabeça e agora tenho um lindo cabelo.

Devido ao excesso de trabalho que tive no ano lectivo de 1923-1924, adoecei em fins de Julho e, tão gravemente que me era impossivel qualquer esforço.

Segui as prescrições medicas mas sem obter melhoras que me animassem. Em outubro fui para Lisboa onde consultei um especialista, seguindo novo tratamento sem, contudo, melhorar.

No Ministério da Instrução onde tive de comparecer a Ex.ma Junta Médica deu-me licença para me tratar, por não me encontrar capacidade fisica para o trabalho.

O meu aspecto era o duma tuberculosa.

Cheia de desgosto recorri a N.ª Senhora de Fátima, com muita Fé, prometendo ir á Cova da Iria agradecer-lhe, e, publicar a minha cura, se Ela se dignasse dar-me saude que me permitisse continuar a exercer a minha missão.

Logo que fiz esta promessa as melhoras foram-se acentuando e pela primeira Junta de Março de 1925 foi-me permitido voltar para junto dos meus alunos.

Há 2 anos que estou em exercicio; aumentei 15 kg de peso e leciono duas classes, num total de 60 crianças, sem que a minha saude se tenha alterado.

Cumpri a 1.ª parte da promessa em Julho de 1925.

Serra, 18-2-927

Beatriz dos Santos Trindade prof. of.ª em Serra-Tomar.

A Ex.ma Senhora D. Maria Filomena Macieira (Avenida 5 de outubro n.º 201 1.º Esq.ª) envia-nos a seguinte carta:

Lisboa 14-2-927.

Reverendissimo Snr.

Rogo a V. Ex.cia a fineza de fazer a publicação de duas graças recebidas.

No mez de Outubro de 1926 vendo eu o peixeiro, que costuma trazer-me o peixe a casa, com um hombro chagado de um calo agravado de trazer as cestas do peixe e que até tinha um caroço e dores



JOAQUIM NETO (e familia) curado repentinamente por intercessão de N. Senhora do Rosario da Fátima

estava uma pessoa que soubesse algum remédio corria logo, mas nada conseguia. Por fim mandaram-me vir para Lisboa. Vim para casa dum irmã que tenho em Lisboa chamada Maria da Graça. Esta foi comigo a um especilista (Dr. Sá Pimenta), que franziu muito a cara. Mi-

horrivels, e estava muito desanimado porque lhe diziam que tinha aspecto de passar a cancro (trazia até um homem com o peixe porque ele não podia), eu, como tivesse dó dêle e muita fé em Nossa Senhora, puz-lhe agua da Fátima. Durante o tempo que a estive a pôr fui sempre

rezando a Nossa Senhora e pedindo, pedindo muito que elle se curasse. E logo aos pés de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, e pedi: *«Minha Mãe do Céu! Vós tendes dado tantas provas do Vosso amor e dos Vossos Milagres! Dai-me mais este, minha Mãe do Céu. Atendei a minha supplica! Que este homem se cure, e que reconheça que foi Nossa Senhora quem o curou!»*

Pois graças a Nossa querida e boa Mãe! Logo no dia immediato, de manhã, o homem me appareceu completamente curado, já com o cesto do peixe em cima do hombro! A alegria dêle era indescritivel! E dizia então: *«Eu estou doido de alegria. Desde que me pôs a agua não mais senti dôres. Era uma hora da noite quando acordei e vi-me curado! Tede o sofrimento desapareceu!»* Diz então que choravam, êle e a mulher de comoção por vêrem um milagre tão grande, graças a Nossa Senhora! Ele estava registado e tinha três filhinhas por baptisar, uma com 10 anos, outra 8, e outra 2. No dia 9 de janeiro, dia da Sagrada Família, tive a satisfação de assistir ao casamento dêle e ao baptisado das filhinhas sendo madrinha de uma. Como nos sentimos felizes, assistindo a um acto assim! Graças á Mãe do Céu!

Estando tambem meu sobrinho Julio Macieira Oliveira, de 18 anos, muito mal com uma bronco-pneumonia, expectoração de sangue e 40 graus de febre, não podendo respirar, puz-lhe uma medalhinha de Nossa Senhora, dei-lhe duas colheres de água de Fátima e comecei uma novena, rezando um terço e a ladainha. Começou logo a passar melhor e, no dia que terminou a novena, passou uma noite como nunca tinha passado durante a doença. Dormiu desde as 11 horas da noite até ao outro dia ás 10 da manhã: Acordou tão bem disposto que só desejava levantar-se mas tinha receio que lhe fizesse mal. Agora já sai á rua. A primeira visita que fez foi á Igreja agradecer a graça recebida. Graças a Nossa Senhora e ao meu querido Jesus! Toda a supplica que foi feita com muita fé e verdadeira confiança a Nossa boa Mãe do Céu sempre nos despachará sendo para honra e gloria de Deus.

Não esqueçamos pois a Virgem-Mãe de Deus e Mãe nossa, e o nosso querido Jesus.

Maria do Carmo Dias, residente em S. Sebastião, freguesia da Enxara do Bispo (Mafra) tendo já levado 24 vezes pontas de fogo por se encontrar mal dos pulmões e advindo-lhe acessos fortísimos de tosse que não obedecem a medicamentos, desapareceram em pouco tempo depois de tomar agua de Fátima, prometendo publicar a graça.

Maria dos Anjos Ferreira, Casal decttana—Ribaldeira (Torres Vedras) encontrando-se muito doente dos intestinos e estomago com varias outras complicações, que tendiam a agravar-se, começou a melhorar desde que recorreu a N. Senhora prometendo ir a Fátima em peregrinação.

A mesma, vendo sua mãe muito mal, com principio de uma congestão, recorreu a Nossa Senhora de Fátima e immediatamente começou a doente a sentir-se melhor.

Joaquina Vitoria, rua de Entre-Campos 14—Lisboa diz-nos: «Meu marido, Ricardo Paula, adoeceu com paralisia. Eu, como tenho muita fé com Nossa Senhora, comecei por rezar o Padre Nosso e dando-lhe ao mesmo tempo a agua de Nossa Senhora. Vi com muita alegria que meu marido melhorou de momento a momento estando hoje muito bem e sem defeito. Agradecendo desde já o favor da publicação me subscrevo etc.»

Julia Fernandes Gomes, de Lisboa (Rua Augusta 129, 5.º) vem por este meio tornar publico e ao mesmo tempo agradecer a N. Sr.ª de Fátima uma graça recebida da sua infinita misericórdia e bondade. Em Março do ano passado, estando em minha casa como hospeda uma senhora com uma filhinha de um ano de idade; adoeceu esta muito gravemente, e recorrendo-se logo ao medico, disse este que tinha diversas doenças e que estava prestes a vir-lhe a meningite. Ora como a menina ainda não estivesse baptizada, foi-se logo tratar de a baptisar e quando chegou a casa, como a menina estivesse quasi perdida recorri a N. Senhora do Rosário de Fátima, pedindo-lhe com muita fé a cura daquela inocentinha, e ao mesmo tempo dei-lhe uma gotinha de agua

milagrosa da Fátima, e coloquei-lhe tambem uma medalha de N. Senhora de Fátima sobre o peitinho.

Pois, a criancinha, no dia seguinte, estava melhor, e d'aí a dois dias, já não tinha nada, estava completamente curada.

Venho pois, por este meio agradecer á Santíssima Virgem de Fátima esta cura, e torná-la publica na Vóz da Fátima como prometi.»

Laura Lima, de Beiriz, Povoá de Varzim. Para socego da minha consciencia e para agradecer á Nossa Senhora de Fátima o grande beneficio que me fez curando-me da grave doença de que sofria havia já uns tres anos, devo ampliar um pouco a noticia que a meu respeito se lia no ultimo numero da Voz de Fátima.

Eu não estava simplesmente atacada de nervosismo, neurastenia, ou esterismo como por vezes vi classificada a minha doença. Eu estava já atacada pelo virus da tuberculose e redusida a tal estado de fraquesa que nada podia fazer nem mesmo o mais pequeno serviço domestico.

Porque um dia tentei ajudar minha mãe em um pequeno e breve trabalho, logo fiquei prostrada e no meu leito appareceram rajos de sangue. E a isto devo acrescentar que tinha ha muito perdido o apetite e de noite não descansava. Foi neste estado que empreendi a viagem a Fátima, em automovel. Depois de percorrer uma distancia de uns 330 kilometros sem incomodo de maior, o que eu já considero um grande milagre, cheguei a Fátima ás 0 horas do dia 13 de Outubro p. passado.

Andei algum tempo encostada a minha irmã e a outra pessoa amiga que nos acompanhou, em volta da Capelinha das Aparições, mas antes que desse a primeira volta, senti faltarem-me as forças e deixei-me cair no chão onde fiquei por largo espaço de tempo sem me poder levantar. De manhã tentei acomodar-me no logar reservado aos doentes, mas não me foi possivel conseguir ser examinada pelo medico senão ás 10 horas, tive de ser transportada de maca para o posto medico bem como para a capela dos doentes, tal era o meu estado. Ahi permaneci Durante algum tempo estive deitada sobre um colchão e depois assentei-me, e assisti a todas as cerimoniaes religiosas, quando recebi a benção do SS.mo já pude estar de joelhos. Quando recebi a Benção senti uma forte comoção que me abalou todo o corpo, me causou um certo bem estar, e logo me convenci que Nossa Senhora tinha ouvido as minhas pobres orações, as orações das pessoas amigas, e os meus sacrificios, curando-me.

Assim tinha acontecido. Quando ás tres horas segui para o automovel, embora fosse ainda amparada já segui por meu pé sem grande custo. Fiz a viagem de regresso relativamente bem, ou antes muito bem disposta; cheguei a casa apenas um pouco cansada, mas já sem aquele mau estar que continuamente sentia, dormi magnificamente aquella noite e desde então continuei melhorando progressivamente a ponto de hoje já poder trabalhar e até fazer serão quando assim me seja necessário, sem que me sinta fatigada. Estou completamente curada. Louvo e honro a N. Senhora de Fátima, que assim beneficia os seus pobres filhos que n'ela confiam. L. L. Beiriz - 26 - 1 - 1927.

Jezuina Santana, natural de Alpiarça, e residente em Setubal, vem publicar no Jornal a Voz da Fátima o seguinte:

1.º Que tendo há quatro anos soffrido muito duma inflamação intestinal, que os medicos foram incapazes de combater, e sugeita a uma alimentação só de leite, o que, com muita difficuldade podia tomar, porque o estomago lho não abraçava, durando este soffrimento longos meses; e ouvindo falar dos milagres da Virgem Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário da Fátima; recorreu com muita fé a Ela prometendo de a ir visitar todos os anos emquanto puder; e tomando a agua da fonte milagrosa junto ao Santuario da Cova da Iria, em Fátima, começou melhorando, e se encontra há dois anos, perfeitamente bem; alimentando-se com qualquer qualidade de comida, sem sentir incomodo algum.

2.º Aparecendo-lhe depois outra doença a diabetes, pelo que andou em tratamento em Lisboa, e sem resultado; e recorrendo outra vez á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, pedindo-lhe com muita fé, a melhorasse de tão grave doença, se encontra tambem melhor.

3.º Aparecendo-lhe tambem uma nascida má, e em sitio occulto, que muito lhe cus-

tava ter de mostrar ao medico, applicou um pacho de algodão, molhado na agua da fonte milagrosa, e rogando com muita fé, á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a curasse, ao fim de alguns dias tudo desapareceu.

4.º Tendo-lhe adoecido um neto de nome Victor Manuel Santana Carlos, estudante de medicina, com dezoito anos de idade; em Fevereiro de 1926, com uma doença tão grave que chegou a perder o uzo da razão, tendo-o os medicos já considerado perdido; pois que, para lhe introduzirem no estomago, os medicamentos, com leite, tinha que ser por um tubo de borracha entrado pela boca, até ao estomago, com o que, o doente ficava muito aflito; a declarante, com muita fé se ajoelhou diante da imagem da Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima (que em sua casa conserva) pedindo-lhe com muito fervor, para que, a Virgem Nossa Senhora fosse servida que o doente recuperasse o seu tino, e que, por sua propria mão tomasse os medicamentos, ou qualquer alimento que lhe dessem, sem ser preciso o tubo de borracha.

No dia seguinte, o doente estende a mão, como quem pede o medicamento e o toma por sua mão, não sendo mais preciso o tubo. Hoje encontra-se bom, seguindo os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Obtiveram graças

Uma assinante conta que tendo casado ha pouco tempo, com um homem com quem a principio me dava muito bem, começava ultimamente a haver entre nós frequentes zangas e azedumes, cada vez mais prolongados, amargurando a um e a outro.

Encontrando-me eu muito desanimada numa destas occasiões, para mim de grande amargura quando, lançando os olhos sobre uma meza vi a «Voz da Fátima»; cheia de fé, dobrei o jornalzinho, meti-o no bolso e implorei a protecção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Senti, então, em mim novos e melhores pensamentos, ao mesmo tempo que em mim se desfazia todo o orgulho que até ali impedia da minha parte qualquer reconciliação com meu marido; aproximei-me dêle, pedindo-lhe o esquecimento de todas as minhas faltas, ficando ambos na melhor harmonia. Venho, pois, hoje cumprir o meu dever publicando esta graça, como preito de homenagem á S.S. Virgem do Rosário da Fátima, para seu louvor e honra, pedindo a Deus que ela sirva de animo a todos aquêles que se acham aflitos e sem conforto possivel para que antes de desanimarem recorram A'quela que tanto e tanto soffreu e que nunca deixa de socorrer os que A invocam».

Maria da Nazareh Valentim de Sousa, diz em carta:

«Aproveito a ocasião para pedir a V. Rev.cia um grande favor, e que vou relatar.

No dia 13 de Abril do ano findo estava muribunda uma prima minha, filha unica, que os pais adoram e de quem sou muito amiga. Não havia esperança de a salvar, as pessoas que a rodeavam chegavam a convencer-se que a doente tinha entrado na agonia. Ninguem se podia conformar com a hipotese deste ente querido desaparecer do mundo. Eu neste momento angustioso para todos, rogo aflitivamente a Nossa Senhora do Rosario de Fátima que salve a doente para felicidade dos pais prometendo que mandaria anunciar o milagre se se realisasse. Depois da minha prece começou a doente sentindo alguns alivios, até que graças á Virgem o medico a julgou livre de perigo encontrando-se hoje de saude. Neste momento não quero deixar de agradecer á Virgem outras graças que me tem dispensado em quasi identicas aflições. Tinha grande desejo que este milagre fosse anunciado no dia 13 de Abril proximo. Esta minha prima que a Virgem salvou chama-se Maria da Piedade e Silva, moradora em Lisboa na Praça das Flores N.º 5-2.º».

Maria Luiza Corte Real Santos (rua da Nogueira 109-2.º-Porto) escreve:

«Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, venho pedir-lhe a publicação da seguinte graça que recebi de Nossa Senhora».

Em Março de 1926 appareceu-me uma inflamação na boca que muito me incomodava.

Chamado o meu medico, fez-me 3 visitas, mas as melhoras não appareciam. Consultei outro medico mas tambem não senti alivio algum.

Resolvi apegar-me a Nossa Senhora e

prometi-lhe uma novena de Comunnões e a publicação desta graça no jornal «Voz de Fátima».

Passados 8 dias estava completamente curada!»

Maria Rosa R. da Silva, de Vila N. de Gaia, agradece a N. Senhora de Fátima uma graça espirital e temporal, obtida por sua maternal intercessão,—por ter conseguido, vencidas graves difficuldades, mandar baptisar um pequeno de 13 anos, prepara-lo para a sua primeira e solene comunhão e interna-lo depois, retirando-o da miseria e perigos em que vivia, num estabelecimento de piedade e caridade, onde se está formando para a religião e para o trabalho.

Maria Luiza Mendes de V. N. de Gaia, agradece a N. Senhora do Rosário de Fátima a cura duma infecção que teve na lingua, tendo para isso feito novenas e comunhões.

As blasfemias de Gales

O palacio presidencial de Gales, no México, é guardado por 500 soldados. E' sob essa vigilancia que esse perseguidor da Igreja se banqueteia.

Numa das «farras» palacianas o monstro mexicano, depois de falar contra o clero, com uma linguagem que não é de pessoa educada, disse:

—«Asseguro-vos que ao terminar o meu mandato não haverá no Mexico um só padre».

Um jornalista, uma vez, se lhe apresentou para entrevista-lo.

Antes que o mesmo falasse, disse Calles:

«Sobre a questão religiosa saberá que três vezes me appareceu Cristo e três vezes o esbofeteci».

—Desgraçado, a ultima bofetada serás tu quem a apanhará!

UM CASO

Conta Luiz Veillot o famoso polemista francez que havia nos Pirineos, um medico sabio e digno que recebeu um dia a visita d'um homem com uma chaga na perna, feita por um tiro de espingarda. A chaga, já antiga, apresenta-se com caracter particular; n'ela vêm-se vermes. O dr. esforça se por os fazer desaparecer mas não o conseguiu de maneira nenhuma. O doente, um dia, diz-lhe: Dr. não façamos mais nada; fiquemos por aqui; eu hei-de morrer desta horrivel doença.

Com efeito, disse o medico, ha aqui algo de extraordinario. Nunca vi coisa assim, apesar de velho e de me terem passado pelas mãos muitos casos surprehendedentes. E, pela 20.ª vez, perguntou ao doente: onde recebestes vós esta ferida? — Em Espanha; já o tenho dito muitas vezes; mas o que eu não disse ainda é o porque esta ferida não sara. Quasi que o sabeis. — Tinha 20 anos Era em 1792. Fui obrigado a alistar-me n'um corpo de tropa, que a Convenção enviava a Espanha. Partimos tres da nossa brigada: Thomaz, Francisco e eu. Tinhamos ideias desse tempo; eramos incredulos. A marcha corria alegre. Quando já perto, atravessamos uma aldeia montanhosa, e avistamos uma estatua da Virgem tão esmerada que, apesar da Revolução ficara de pé á porta da igreja, sem mutilação alguma. Um de nós tem o desgraçado pensamento de insultar esta imagem para «afrontar a superstição dos paisanos». Atiremos um tiro, disse Thomaz. Francisco deu uma gargalhada. Por mim, não querendo mostrar-me menos forte, tentei afastar semelhante ideia. Lembrei-me de minha mãe. Zombaram de mim. — Thomaz carregou a arma e atirou. A bala atingiu a estatua na testa. Francisco meteu á cara a arma e atirou-lhe ao peito.

—Vamos; agora, tu.

—Não pude resistir; aponte a arma a tremer, fechei os olhos, e dei na estatua...

—Na perna! diz o medico.

—Sim, na perna, acima do joelho, no logar onde tenho a ferida! Bem vedes que eu não posso sarar. Depois disto, dispozemo-nos a continuar a nossa marcha quando uma velha que nos tinha visto, diz; Ides para a guerra; o que acabais de fazer não vos ha-de trazer bem algum».

Thomaz ameaçou-a. Por mim estava incomodado com o que havia feito. Francisco menos emocionado do que eu, não estava disposto tambem a regosijar-se.

Lá seguimos nosso caminho, se bem que por vezes nos queixassemos do que havíamos feito.

Nesse dia de tarde, juntavamos-nos ao nosso regimento; alguns dias depois tivemos um encontro com o inimigo. Confesso-vos que eu marchei para o fogo sem alegria, pensando na estatua da Virgem mais que o desejava. Todavia, tudo correu bem. Alcançamos assignalada vantagem. Tomaz distinguiu-se. A acção estava terminada; o inimigo em derrota e o coronel ia fazer parar o prosseguimento quando um tiro, vindo dum rochedo, e que parecia descer do Céu, fez-se ouvir:

Thomaz rodou sobre si mesmo e cahiu redondamente batendo com a face no chão; Francisco e eu corremos a levantá-lo. Estava morto. A bala atingiu-lhe a testa, entre os olhos, no lugar onde a bala d'ele dias antes, havia atingido a estatua! Olhámos um para o outro, Francisco e eu, sem dizer nada, mais palidos do que a morte.

No quartel, Francisco estava perto de mim não dormia; esperava que ele me falasse, para lhe aconselhar a oração; não falou mais e eu não pude comunicar-lhe o arrependimento.

Dia seguinte o inimigo volta com força.

Logo que o avistamos, Francisco aperta-me a mão e diz-me: 'E' hoje a minha vez: tu és feliz por teres visto mal! O infelizmente não se enganava. Desta vez fomos repellidos. Batemos em retirada. Francisco não estava ferido nem eu. Vá esperança! Um tiro parte dum fosso onde jazia ferido mortalmente um espenhol; e Francisco cahe, com o peito varado de lado a lado. Ah! Dr. que morte aquela! Ele rolava no chão pedindo-me perdão. Os que estavam perto, encolhiam os ombros; e expirou. E lá ficou só no caminho.

Desde logo fiquei convencido que não tardaria a ser ferido e resolvi confessar o meu sacrilegio ao primeiro padre que encontrasse. Por desgraça não o encontrei. Entretanto, muitos afazeres se passaram e pouco a pouco cessaram os meus terrores e, com eles, a minha boa resolução. Quando fomos chamados a França, já não pensava no crime, nem no arrependimento, nem no castigo. Tudo se me recordou, quando a um dia de marcha da aldeia de Estalumi. Por um acidente que não sei explicar, um tiro, partido das nossas fileiras, atingiu-me aqui onde vedes. Deste modo cumpriu-se a profecia daquela velha, que após o nosso sacrilegio nos disse (estou a ouvi-la ainda): 'Ides á guerra; o que acabais de fazer não vos pode trazer bem algum!' Os meus dois companheiros estavam mortos, e eu outra vez ferido.

No entanto, a ferida, ao primeiro aspecto, não oferecia nada de grave. O cirurgião disse-me que eu havia de estar em descanço no hospital por alguns dias. Assim o eria.

Mas, grande foi a surpresa e não menos o meu espanto, quando vi gerar-se na chaga estes imperecíveis bichos, o que desconcertou a sua sciencia.

Ha 20 anos, Dr., arrasto esta chaga, experimentando todos os remedios e todos são ineficazes.

Peço á Deus que me cure e espero-o da sua misericórdia; por isso não devo lastimar-me. Não me lastimo. Esta chaga tem sido um remedio para muitas almas, para a minha, sobre tudo. Não ignoro que, se chegar ao fim da vida como devo chegar, isto é, cristão e penitente, o deverei á minha terrível chaga. E então hei-de aplaudir-me de ser coxo, porque eu duvido da minha cura, mas não da misericórdia e espero firmemente morrer na graça de Deus pela intercessão d'Aquella a quem ultrajei.

Louis Veillot

O Amôr e a Justiça

'Deus é muito bom, não pode dar um castigo eterno.'

'E' assim que muitos Vos julgam Senhor! E sob este vão pretexto, preferem servir as suas paixões e as suas más inclinações a renunciar a si mesmo e seguir-vos á Jesus.

Nada, no entanto, é mais contrario á doutrina da Vossa Igreja. O inferno está bem longe de ser oposto á Vossa Bondade, e é precisamente porque eu creio, no Vosso Amor, ó meu Deus, poderoso e bom que eu acredito no inferno.

Se Vós não fosséis o Amor; se egoisticamente encerrado na Vossa felicidade,

não lançasseis sobre os seres inferiores a Vós sendo olhares de indiferença, talvez o inferno pudesse não existir.

Mas Vós... Vós tudo creastes por amor. Vós formastes o homem á vossa semelhança e havei-lo vivificado com o vosso bafo; havei-lo cumulado dos Vossos dons; e não haveis pedido a esta creatura tão ricamente dotada senão um pouco de confiança, de fidelidade e de amor. E quando ele Vos despreza e se revolta contra Vós, Vós deveries ficar impassível como um ser incompleto, privado de amor e de sentimento?

Ó meu Deus! Eu creio nos rigores da Vossa justiça porque creio nas excessivas ternuras do Vosso Coração.

Eu vos Amo, meu Deus, a Vós Amor infinito, que vos inclinai para a vossa creatura, a sustentais e levantais. Mas amo-vos também, a Vós Amor desconhecido e ultrajado que castigais.

Se o inferno não existisse eu não vos amaria tanto. Quando eu vejo que um príncipe, no seu reino, deixa todos os crimes impunes; quando observo que ele espalha os seus dons com tanta profusão sobre os desleais e traidores como sobre os vasallos fieis, quando são aviltadas a grandeza e a magestade reais, eu não posso resistir a um sentimento de desprezo e chamar-lhe injusto e covarde.

Não. Se não houvesse inferno, eu não poderia amar-vos... Se o não houvesse faltariam três flores esplendidas na corôa das nossas sublimes perfeições: a justiça, o poder e a dignidade!

Eu vos amo e vos adoro, meu Deus, na vossa misericórdia para com os fracos, na vossa bondade para com os pequenos, na vossa liberalidade para com os pobres. Eu vos adoro nos vossos perdões sem reserva; neste infavel amor que vem do vosso seio para as vossas criaturas, na vossa espera sem cansaço; nessas graças, emfim, que Vós espalhais com profusão sobre as almas para as tocar, para as reconduzir, para as iluminar, para as vencer!

Eu vos adoro também, eu vos amo apaixonadamente, a Vós, grande, magestoso, terível, consumindo num fogo eterno os que resistirem aos atractivos do vosso Amor. E afinal não sois vós, meu Deus, soberanamente bom, que condenais e castigais: são os proprios maus que, recusando lançar-se nas chamas do vosso eterno Amor, se precipitam nas da justiça eterna.

Sim, eu vos amo tal como Vós sois. Eu vos adoro, coroado do conjunto de todas as perfeições: tão justo como bom, tão grande pelo vosso poder e santidade como pela vossa misericórdia, sempre Amor, Amor infinito; o Amor que cria, que dá, que perdôa, que vivifica; o Amor que ordena, que repreende e que castiga!

(O ultimo capitulo do livro Le Sacré-Coeur et le Sacerdote).

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte...	62.110\$83
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 54 (33.000 exemplares)...	1.956\$50
Outras despezas	210\$00
Soma... ..	64.277\$33

Subscrição

(Junho de 1927)

P. José Rodrigues dos S. Lima e Silva, 200:000; D. Rita do Sacramento Mousa co, Antonio Martins de Figueiredo, Antonio Francisco Lopes, José Carneiro e D. Maria da Conceição P. de Lima 20:000; P.e Arnaldo de Magalhães, D. Maria das Dores (jornais etc.) e D. Maria Izabel Monteiro Reinas, 50:000; Jacinto Correia, D. Rosalina da Gloria, D. Albertina Albuquerque, D. Perpétua de Jesus Guerra, D. Maria dos Prazeres Osorio e Melo, D. Gertrudes da Conceição Monteiro e P.e João Gaspar e Silva, 15:000 rs. D. Ester Cabral Neves, 13:000; Joana de Carvalho Veiga, 11:000 D. Eugenia Margarida do Rosario, 12:500; D. Maria dos Remedios e Madame Luzia, 12:000; Fernando d'Oliveira, 14:000.

Com dez escudos: Manuel dos Santos, D. Ana Sergio Faria Pereira, Antonio Alves Pacheco, José Nunes Coelho, Abilio Carlos Antunes, D. Maria Augusta Santos Valentim, Manuel José Lopes Dias, João Frazão, João Batista Santos Junior, D. Ludovina de Jesus Ferreira dos Santos, D. Palmira Vicente Soares, D. Joana do Espirito Santo Neves, Joaquim Rosa Gomes, P.e José Antunes Bazilio, D. Maria de Jesus Marques, D. Palmira Marques, D. Maria

Antonia Pinto de Carvalho, D. Ana Guedes, D. Rita do Rosário Pereira Lopes, Alvaro Rodrigues Pintasilgo (50\$00), Antonio Marques Girão (150\$00), D. Maria Teresa Moura Pinheiro, D. Conceição Borges, D. Maria Almeida, D. Maria José de Magalhães Aguiar, D. Lucinda Damazo Tavares, D. Vitoria Augusta Sinde Pinto, D. Palmira das Dores Afonso Pereira, D. Madalena da Silva Tomás, D. Luiza Rosa Pereira, D. Virginia Borges de Carvalho (15\$00), J. M. G. Pereira (2 libras), Domingos Maria Monteiro, Adelino Antunes Pinto, P.e Miguel Jorge, Firmiano José Alves (20\$00), D. Elvira Augusta Nogueira, D. Emilia Damas Salgueiro (21\$00), D. Ana Maria Clavin d'Ornelas e Vasconcelos, D. Rosa de Jesus Cascais, D. Maria José Sanches Artur, D. Virginia Lopes, D. Olinda Silva da Silva Rego, José Tomás, P.e Antonio dos Santos, Augusto Marques G. Pereira, José Neves, D. Maria José Baptista, Francisco Gaspar, José da Silva, D. Maria das Mercês Manso, D. Maria Margarida de Campos Casais, Manuel Venancio d'Oliveira, Antonio Castanheiro Martins, Artur Graça Junior, Mafalda da Conceição, Maria das Dôres, Manuel Victor Ferreira Dias, João Ferreira Dias, José Ferreira Dias, D. Carolina Ferreira Vieira, Antonio Domingues Ferreira, D. Joana Nobre, José Caxaria, Jacinto da Costa Melicias, D. Maria do Rosário Peralta, D. Lucinda Leal, Joaquina de Jesus, Antonio dos Reis Maio, D. Guilhermina Mendonça, Luciano de Almeida Monteiro, D. Filomena Pires Sanches, Miguel Alexandre Alves Correia, Candido da Silva Prior, D. Maria Luiza d'Oliveira Rodrigues Veneslau, A. Costa Junior, D. Maria da Gloria Nunes d'Oliveira, D. Leonor Marques Serrão Chitas, D. Margarida Gomes Serrão, Ismael Gomes, João Bernardo Ribeiro D. Maria da Conceição Gomes da Silva D. Maria Campos Vieira Martins Cunha, D. Olimpia Sequeira Canelas, Francisco Jorge, José Maria do Carmo Loures, D. Ana de Jesus, Antonio Alves da Cunha, Vicente Ferreira de Sousa, D. Gilda Monteiro, José Baptista de Andrade, Joaquim Monteiro Soares Junior, D. Maria Lopes, Henrique Augusto do Nascimento, D. Florencia dos Anjos Godinho (20\$00), D. Maria do Rosario Martins, Antonio Antunes Mota, D. Leocadina da Piedade Henriques, D. Deslinda da Conceição e Silva, Joaquim Mendes da Fonseca, Antonio Gomes da Costa José Birne de Sousa Loureto, D. Dionizia da Conceição Ramiro, Manuel Venancio de Oliveira (15\$00), Manuel de Jesus Amaral, D. Rosa de Carvalho Pereira Lopes e D. Maria Emilia Neto.

Jornais avulsos: P.e Manuel Marques Ferreira, 40\$00; D. Maria Emilia Vieira, 26\$50 P.e Manuel Cebolas Fogado, 51\$00; D. Zulmira Galhardo, 26\$50; D. M. Simas, 50\$00; D. Afonso d'Albuquerque, 15\$00; D. Sara Mudat, 82\$50; P.e Bernardo Luiz, 10\$00; D. Ana da Conceição Neves 42\$00; pessoas de Ihavo, 36\$90; D. Maria das Dôres Tavares de Sousa, 262\$00; D. Laura da Conceição Martins, 39\$00; Antonio Vieira Leite, 50\$00; Josefa de Jesus, 64\$55; P.e Francisco d'Assis Andrade, 50\$00; Directora do Colegio de N. S. da Torre, 50\$00; P.e J. Rosa Nascimento, 50\$00; D. Ana Augusta de Freitas, 81\$00; P.e António Correia Ferreira de Mota, 25\$00; D. Maria Augusta Pereira Veiga, 70\$50; um estudante, 40\$00; João Luiz Andrade, 30\$00; D. Palmira Ribeiro Lopes, 64\$80; D. Maria Henriqueta Magalhães, 55\$20, D. Beatriz Valente, 46\$50; P.e Manuel Sabino Marques, 25\$00; P.e José Vicente do Sacramento, 1 libra, P.e Gerardo Abilio Gomes de Pina, 35\$00; diversas de Bragança, 21\$40; D. Celeste Maria de Sousa, 20\$00; Miguel Bento Nunes, 50\$00; Fernando Baptista Pereira, 15\$00; Conceição Soares Matos Louzada, 30\$00.

Um santo... atrapalhado

'E' raro que não apareça, mesmo nas freguesias mais praticamente cristãs, algum destes pretenciosos que, falhos de energia e aptidão para a virtude, procuram no entanto impôr a sua pessoa, seja de que forma for á admiração dos outros.

Incapazes de se distinguirem no bem e na piedade, passam para o campo contrario e á irreligião.

Não podendo ser reis no mundo não desistem de o ser no... inferno.

— Ora numa certa parouquia havia um pedreiro que, para explicar a sua falta de cumprimento do grave preceito da Confissão e Comunhão pascal dizia que não tinha pecados.

Não tinha pecados e... acabou-se.

O zeloso pároco propoz-se um dia provar ao seu paroquiano que estava muito longe da santidade que queria aparentar: sob a porta principal da igreja paroquial havia um nicho d'onde tinha sido tirada a respectiva imagem, onde o rev.do pároco queria (dizia êle) colocar um santo novo.

Lá foi o seu descuidado freguez a seu pedido, preparar as coisas.

Quando o rev.do pároco o apanhou no nicho, não só lhe retirou a escada mas tocou o sino a rebate, de forma que dentro de pouco estava ali todo o povo do lugar a indagar de que se tratava.

Toquei o sino (explicou o sacerdote) porque quero que vejam todos o santo novo que agora ali vou pôr.

Quando tal ouviram, entra cada um a invectivar o aflito pedreiro e a expôr em publico todas as peças para a não canonisação do homem que não tinha pecados

Não fez a confissão particular aos ouvidos do sacerdote, delegado por Deus para... perdoar, mas teve de ouvir a confissão publica feita pelos outros.

E se teimar em não fazer a confissão sacramental que tão pouco custa e nos deixa alma cheia de consolações intimas, terá de os descobrir deante de toda a gente no dia de juizo.

Excepto o meu coelhinho

Uma menina a quem sua mãe ensinava as suas orações, chegando a este ponto: «Meu Deus eu vos dou tudo o que tenho parou e exclamou baixinho: «excepto o meu coelhinho»!

O meu coração, sim, é Vosso, Senhor; a minha alma, os meus pensamentos, a minha vida, tudo isso podeis tomar!

Mas o meu coelhinho! ... Ah! isso não, não é possível, seria uma coisa muito dolorosa!

Não é esta menina a nossa imagem? Todos nós temos um defeito, um peccadinho em que não consentimos que ninguém nos toque; uma afeição, uma paixão que não queremos imolar; um tesouro, um nada, uma espécie de coelhinho que queremos conservar a todo o custo.

Tudo é Vosso, Senhor, mas o meu coelho, ah!, isso não, por favor ninguém me peça isso!

Esta scena repete-se todos os dias.

Uma alma frômeteu a Deus aceitar todas as provas, chegando talvez, na sua piedosa exaltação, a pedir cruces e sofrimentos.

Deus envia-lhe uma doença, uma humilhação, e logo ela se põe á gritar que a não pode sofrer.

Mas, pobre creança, não pediste tu o sofrimento?!

'E' verdade, é, pedi o sofrimento mas deste não gosto! — E' assim a humanidade! quer espinhos, mas que não piquem; humilhações, mas que não humilhem; cruces, mas que não crucifiquem; todas as dores, menos aquelas que Deus envia.

Este estado de alma é muito frequente e revela uma grande creancie.

E quantos adultos ha que não passam de grandes creanças!

Oferecem a Deus tudo o que não teem mas sacrificar o coelhinho ... isso é superior ás suas forças.

Abriço dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.842\$50
D. Maria da Conceição Borges Cabral... ..	10\$00
D. Maria Angelina Maya de Albuquerque P. e Vasconcelos ...	20\$00
Soma... ..	4.872\$50

A VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adi-antadamente, o minimo de dez mil réis.